

UMA CELEBRAÇÃO À HISTÓRIA DA ARQUIVOLOGIA BRASILEIRA: exposição virtual ‘Empoderando a sociedade: os 60 anos do ensino de Arquivologia no Brasil’

Rafael Chaves Ferreira¹

rafa.cf@hotmail.com

Marcos Machado Paulo²

mmacpaulo@gmail.com

Resumo

O ano de 2020 marcou os 60 anos do ensino de Arquivologia no Brasil – quando se completaram seis décadas desde a configuração do Curso Permanente de Arquivo, inaugurado em 1959 – que representam um momento muito significativo para a Arquivologia brasileira. Como forma de registro e celebração nasceu a exposição virtual ‘Empoderando a sociedade: os 60 anos do ensino de Arquivologia no Brasil’, ação que teve por objetivo proporcionar um espaço de reflexão e visibilidade a respeito da importância dos arquivos e dos profissionais vinculados à área de Arquivologia quanto ao acesso à informação, ao fomento à transparência pública e ao desenvolvimento da sociedade brasileira, tendo como público-alvo as comunidades estudantis e o público em geral. Em um primeiro momento a exposição foi pensada para ser realizada de modo físico e itinerante. Porém, devido à pandemia de Covid-19, a mesma passou a ser planejada como uma exposição virtual para a *Web*. Sua data de lançamento oficial, como ação integrante da 4^o Semana Nacional de Arquivos – promovida pelo Arquivo Nacional em parceria com o Conselho Internacional de Arquivos – foi o dia 8 de junho de 2020 e, desde então, seu sítio na *Web* já alcançou mais de dez mil acessos. Para sua realização, a exposição contou com uma equipe formada por docentes e discentes do departamento e do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria que se debruçaram sobre temas como difusão, ensino, formação profissional e história da Arquivologia brasileira, para que fosse possível definir a narrativa, a estrutura lógica, as fontes de pesquisa e o conteúdo da mesma. Para o lançamento ocorrer como previsto, foram realizadas atividades de março a junho de 2020, com destaque para: definição de uma identidade visual para a exposição; escolha de plataforma, domínio e arquitetura para o sítio da exposição; seleção de conteúdo por meio de pesquisa em edições da revista *Arquivo & Administração* (publicação da Associação de Arquivistas Brasileiros) e do boletim *Mensário* (publicação do Arquivo Nacional); contato com os cursos e diretórios/centros acadêmicos de Arquivologia do país, docentes, arquivistas e pesquisadores da área, para angariar materiais textuais, visuais e audiovisuais propícios a integrar a exposição; criação de materiais de divulgação. Com material reunido e definido, montou-se a exposição virtual que está disponível pelo caminho arquivologia60anos.org. A mesma é composta por faixas: na parte inicial, há uma que apresenta linha do tempo interativa

¹ Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil.

² Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil.

com os acontecimentos relevantes da área – que inicia em 1838, com a criação do Arquivo Público do Império, e segue até os dias atuais; há também faixas destinadas aos depoimentos, fotografias, publicações, anais de eventos, vídeos, trajetórias de pessoas célebres da área, política estudantil, eventos de pesquisa, reportagens e outros materiais de divulgação. A exposição virtual ‘Empoderando a sociedade: os 60 anos do ensino de Arquivologia no Brasil’ tornou-se um ambiente de reunião, coleta e publicação de informações e materiais que contribui com a preservação e a difusão dos arquivos não apenas da história do ensino de Arquivologia no Brasil, mas também da pesquisa e da própria extensão da área, bem como das ações políticas e sociais ligadas à sua trajetória, e isso de forma interativa e colaborativa. O sítio da exposição encontra-se ativo e sua equipe de trabalho planeja novas atualizações com a inserção de outros conteúdos, como a atualização que ocorreu em outubro de 2020, que despertou o interesse em novos sujeitos de visitá-la, fomentando, assim, uma cultura de aproximação e interlocução da Arquivologia com a sociedade.

Palavras-chave: Arquivologia. Arquivos. Difusão. Ensino. Exposição.

1 INTRODUÇÃO

Em 2020 o ensino de Arquivologia no Brasil completou seis décadas. Por isso, o Departamento e o Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) visando celebrar este momento, e ainda se somar às atividades de difusão realizadas por diversas instituições culturais, de ensino e de memória do país que integraram a 4ª Semana Nacional de Arquivos (promovida pelo Arquivo Nacional em parceria com o Conselho Internacional de Arquivos), propôs a realização de uma ação extensionista que consistiu na exposição ‘Empoderando a sociedade: os 60 anos do ensino de Arquivologia no Brasil’.

A exposição nasceu por acaso. Em um primeiro momento, após ser aprovado e contemplado com recursos da UFSM, em março de 2020, o projeto¹ de extensão homônimo, tinha a intenção de produzir apenas uma exposição itinerante em suporte físico e formato ‘clássico’: painéis com textos e fotos, alguns recursos audiovisuais, algum objeto museológico. À época, imaginava-se percorrer o município de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, e arredores, não mais do que isso. Porém, devido à pandemia de Covid-19, a ideia de uma exposição nestes moldes teve que ser adiada.

Quando o Arquivo Nacional e a Casa de Rui Barbosa decidiram manter a programação da 4ª Semana Nacional de Arquivos através de atividades virtuais, decidiu-

se que havia então um motivador para se retomar a ideia da exposição, pois já havia algum material reunido, parte da equipe estava mais ou menos engajada e o formato da exposição poderia ser readequado para o espaço digital. A partir deste cenário, a exposição passou a ser reconfigurada para ser realizada como uma exposição virtual na *Web*, mas sem qualquer mudança em seu objetivo original, isto é, proporcionar um espaço de reflexão e visibilidade a respeito da importância dos arquivos e dos profissionais vinculados à área de Arquivologia quanto ao acesso à informação, ao fomento à transparência pública e ao desenvolvimento da sociedade brasileira, tendo como tema central o ensino de Arquivologia no Brasil e como público-alvo as comunidades estudantis e o público em geral.

Pensando em contribuir com o exercício da indissociabilidade do Ensino, Pesquisa e Extensão, o desenvolvimento do projeto que resultaria na exposição virtual envolveu a participação de discentes e docentes do Curso de Arquivologia, fomentando que os estudantes integrantes desenvolvessem competências na área de pesquisa em fontes e acervos documentais para a seleção e produção de materiais e recursos audiovisuais para a exposição. Além disso, foi também uma forma dos mesmos exercitarem a função difusão arquivística, vivenciada tradicionalmente em disciplinas do curso de Arquivologia da UFSM. E, não menos importante, por terem que dialogar com diferentes espaços institucionais para a montagem da exposição, os discentes também puderam desenvolver características como responsabilidade e comprometimento.

A data de lançamento oficial da exposição, como ação integrante da 4ª Semana Nacional de Arquivos, foi o dia 8 de junho de 2020, mas seu desenvolvimento, execução e atualizações de conteúdo ocorreram no período de março a dezembro deste mesmo ano. Tanto a área arquivística que contribuiu e colaborou com conteúdo para a exposição, como a UFSM que possibilitou o desenvolvimento do projeto da mesma, deram uma contribuição muito significativa para a comunidade acadêmica, bem como para a comunidade em geral, pois se possibilitou conhecer e compartilhar, pelo viés da trajetória do ensino de Arquivologia no Brasil, a trajetória de uma área riquíssima que é a Arquivologia, um pouco da sua história, personagens e momentos marcantes, que perpassam os próprios arquivos e arquivistas.

2 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL

No Brasil o primeiro órgão a se preocupar com a criação de cursos da área arquivística, mais precisamente para o aperfeiçoamento de seus funcionários, foi o Arquivo Nacional. Foi no ano de 1911, por meio do Decreto nº 9.197, de 9 de fevereiro, que ficava instituído que haveria no Arquivo Nacional, pela primeira vez, um curso de Diplomática, que contava com disciplinas de Paleografia, Cronologia, Crítica Histórica, Tecnologia Diplomática e Regras de Classificação (MONTEIRO, 1988).

Um outro ano marcante na criação de cursos de aperfeiçoamento profissional e formação de arquivistas no país é o de 1922, pois, segundo Bottino (1994, p. 13), “Os cursos de formação de arquivistas originam-se em 1922 (Decreto nº 15.596, de 2 de agosto) quando o diretor do Arquivo Nacional, Alcides Bezerra, propõe a criação de curso técnico para a habilitação dos funcionários do Arquivo Nacional”. Nos anos seguintes, o Arquivo Nacional sempre procurou valorizar e enfatizar as questões relacionadas ao ensino voltado para a formação profissional do arquivista, criando cursos técnicos e buscando trazer literatura especializada para o país, tanto que em 1930 propôs que seus cursos deveriam ser incorporados à Universidade do Rio de Janeiro – então já criada há uma década – o que ocorreu anos mais tarde (MONTEIRO, 1988).

Uma década muito marcante para a Arquivologia brasileira foi a de 1950, tanto por ser um período em que ocorreram alguns dos primeiros intercâmbios entre profissionais e estudiosos da área, como por ser um período em que se começou a haver um processo de modernização do Arquivo Nacional, algo que afetou diretamente a possibilidade de formação e aperfeiçoamento dos arquivistas. Em 1958, sob a direção de José Honório Rodrigues, o Arquivo Nacional deu início ao processo de implementação de um curso de formação de arquivistas, algo que ocorre em 1959, quando a instituição, com o apoio da Divisão de Cursos do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), inaugurou, em caráter experimental, o 1º Curso de Arquivos, voltado à formação de auxiliares de arquivo. Em agosto do mesmo ano, ocorreu o 2º Curso, dirigido ao aperfeiçoamento. Tais mudanças marcam o início do processo de consolidação da Arquivologia brasileira, sendo 1959 considerado como

um marco para o ensino de Arquivologia no Brasil, devido ao surgimento deste que conhecemos como o Curso Permanente de Arquivo.

Entre as décadas de 1960 e 1970, o Brasil passou por diversos momentos marcantes, como a Reforma Universitária de 1968, e também a criação do Conselho Federal de Educação (CFE), o qual foi vital para o início da criação de cursos de graduação em Arquivologia no Brasil, ou seja, o desenvolvimento da Arquivologia no Ensino Superior brasileiro, pois, segundo Britto (1999, p. 53), “em 1972, o CFE concedeu às universidades brasileiras, por meio do Decreto nº 212, de 7 de março, o poder de organizar programas de graduação em Arquivologia”. Além disso, ainda em 1972, houve a realização do primeiro Congresso Brasileiro de Arquivologia, que ocorreu no Hotel Serrador, no antigo estado da Guanabara (hoje Rio de Janeiro), entre 15 e 20 de outubro, sob a presidência de José Pedro Esposel, e houve o lançamento da *Arquivo & Administração*, revista trimestral destinada aos arquivistas, que trazia notícias da área e artigos sobre as últimas inovações do campo. Porém, foi em 1973 que houve uma reconfiguração da natureza da formação dos arquivistas no país, pois foi neste ano, no dia 28 de setembro, que o Conselho Federal de Educação elevou o Curso Permanente de Arquivo ao nível superior, dando status de graduação acadêmica à formação.

Neste mesmo sentido, Souza (2012, p. 134) ressalta que “o marco de criação dos cursos de graduação em Arquivologia no Brasil é o ano de 1972, quando surgiu a Escola Superior de Arquivo [...] O curso obteve mandato universitário em 1974, e nele se integraram os cursos ministrados pela UNIRIO, em 1977”. Tal mandato deu-se devido a aprovação do currículo mínimo para o curso de graduação em Arquivologia por meio da Resolução nº 28 de 13 de maio de 1974, do CFE, e a dada integração ocorreu devido ao Decreto nº 79.329, de 2 de março de 1977, que fez com que o Curso Permanente de Arquivo passasse a se denominar Curso de Arquivologia (BOTTINO, 1994).

Ocorreu que no mesmo ano, em 1977, iniciaram-se as atividades do primeiro curso de graduação em Arquivologia instalado em universidade de um município do interior do Brasil, o da UFSM, criado em 1976, no estado do Rio Grande do Sul. Em 1978, a Universidade Federal Fluminense (UFF) também cria seu curso de Arquivologia e o estado do Rio de Janeiro torna-se o primeiro a contar com dois cursos de graduação

na área. Somente cerca de doze anos depois que novos cursos de graduação em Arquivologia começaram a ser criados dentro das universidades do país, ou seja, só a partir de meados da década de 1990.

A partir do final do século XX houve um crescente número de cursos de graduação em Arquivologia sendo criados especialmente em universidades públicas brasileiras: o da Universidade de Brasília (UnB), criado em 1990; o da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e o da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ambos criados em 1997; o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), criados em 1999; o da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Marília), criado em 2002; o da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), criado em 2006; o da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), o da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e o da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), todos criados em 2008; o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criado em 2009; e o da Universidade Federal do Pará (UFPA), criado em 2011 (MARQUES, 2012). Recentemente, em 2018, também houve a criação do primeiro curso de Arquivologia na modalidade de ensino a distância, no Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI), localizado no estado de Santa Catarina.

Conforme o portal do e-MEC (Sistema de Regulação do Ensino Superior), atualmente o Brasil possui 17 cursos de Arquivologia em atividade, em nível de graduação, todos com grau de bacharelado, sendo 16 em universidades públicas e na modalidade presencial, e 01 em instituição de ensino superior privada e na modalidade a distância. É perceptível que a região Sul e a região Sudeste são as que apresentam um quantitativo de cursos maior, a primeira possuindo 06 e a segunda 05 cursos de graduação em Arquivologia. Enquanto isso, a região Nordeste detém um número de 03 cursos, a região Norte um número de 02 cursos e a região Centro-Oeste possui 01 curso.

Apesar do ensino de Arquivologia no âmbito do Ensino Superior ter iniciado na década de 1970 no Brasil, foi somente a partir da década de 1990 que um movimento de criação de cursos desta natureza dentro das instituições de ensino superior passou a ocorrer com mais intensidade, algo que a partir do século XXI foi continuado, o que

possibilitou o desenvolvimento desta área do conhecimento no país. Além disso, é um reflexo da relevância social do conhecimento arquivístico e da importância da formação qualificada deste profissional.

Para além das instituições de ensino e dos cursos de graduação, o ensino de Arquivologia também é integrado, aliado e representado por eventos, publicações, ações de extensão, pesquisas científicas, e especialmente pessoas, isto é, professores e estudantes de Arquivologia, arquivistas e pesquisadores da área. Por ter este entendimento que a ação de extensão que resultou na exposição ‘Empoderando a sociedade: os 60 anos do ensino de Arquivologia no Brasil’ foi desenvolvida: um espaço de reunião, preservação e difusão de alguns registros, olhares, narrativas e de uma parcela da própria história da Arquivologia brasileira.

3 ALGUMAS CARACTERIZAÇÕES DA DIFUSÃO ARQUIVÍSTICA

Antes da criação do Curso Permanente de Arquivo em 1959, e sua posterior elevação ao nível de Ensino Superior em Arquivologia no Brasil em 1973, não existiam arquivistas formalmente capacitados a atuar na área como conhecemos hoje, representando uma lacuna profissional que à época foi observada com aflição por dirigentes, profissionais estrangeiros visitantes e pesquisadores. Desde então, a Arquivologia brasileira tem obtido importantes conquistas e se desenvolvido paulatina, mas solidamente. Apesar deste desenvolvimento, hoje sintetizado pela existência de quase duas dezenas de cursos de Ensino Superior na área, as visões que parte da sociedade brasileira sustenta em relação a este campo do saber ainda são, até certo ponto, equivocadas e distorcidas, fato que é percebido pela comunidade arquivística nos mais diferentes níveis, desde o estudante que ingressa em um curso de Arquivologia, o docente que o acompanha no processo formativo, até o egresso no momento de buscar inserir-se no mercado de trabalho.

Um caso recente, e que repercutiu bastante, foi o do dia 13 de novembro de 2019, em que o jornalista Paulo Germano Moreira Boa Nova, no Jornal do Almoço, da RBSTV, afiliada da Rede Globo de Televisão no Rio Grande do Sul, ao mencionar algumas profissões ameaçadas pelo avanço tecnológico, citou equivocadamente os

arquivistas. A partir disto, a Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul (AARS) em nota demonstrou publicamente seu repúdio e o jornalista, no dia 14 de novembro daquele ano, emitiu nota de retração².

Porém, não são apenas fatos recentes, como o mencionado, que apontam que parte da sociedade brasileira possui uma visão distorcida (ou até mesmo desconhece) do real valor dos arquivos, quais são as atividades dos arquivistas e do que trata a área. Já em meados da década de 1990 um estudo de Bellotto (1996) buscou responder às seguintes perguntas: “como o cidadão ‘sente’ o arquivo?”; “por que o arquivista é tão desconhecido da sociedade?”; e “por quais razões ‘escolhe-se’ a Arquivologia?”. Dentre as reflexões e respostas que a pesquisadora apontou na época, tem-se que os cidadãos, de modo geral, sentem e entendem os arquivos como locais governamentais, depósitos, repositórios públicos, instituições de guarda e preservação de documentos. Quanto ao desconhecimento do profissional arquivista, ressalta-se que ocorre devido ao desconhecimento de suas tarefas, a percepção de que é um trabalho ‘escondido’ e que o mesmo ‘não aparece’. Já sobre as possíveis razões para se estudar Arquivologia, destaca-se, dentre as respostas, o entusiasmo diante de uma conferência, artigo de jornal, publicidade do curso, havendo, assim, um interesse pela profissão. A partir do exposto, pode-se questionar: em que proporções dado cenário mudou? E como mudou? O que foi feito a partir do averiguado na década de 1990?

Estas e tantas outras inquietações podem surgir, e certamente surgiram, passados os anos, mas algo que já consagradamente foi definido e se estabeleceu na Arquivologia foi o entendimento das funções arquivísticas (ROUSSEAU; COUTURE, 1998), dentre elas a difusão, que tem por finalidade comunicar os arquivos, promovendo-os em meio à sociedade. Tal função pode ser entendida também como “a divulgação, o ato de tonar público, de dar a conhecer o acervo duma instituição, assim como os serviços que esta coloca à disposição dos seus usuários” (PEREZ, 2005, p. 7).

Se pesquisado o termo ‘difusão’ no Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005), verificar-se-á que o mesmo não aparece, mas sim outros termos, como ‘disseminação da informação’ e ‘divulgação’. O primeiro é apresentado como o “fornecimento e difusão de informações através de canais formais de comunicação” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.71) e o segundo como o “Conjunto

de atividades destinadas a aproximar o público dos arquivos, por meio de publicações e da promoção de eventos, como exposições e conferências” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.72). Percebe-se, assim, que de acordo com esta publicação há um entendimento da difusão relacionada a aspectos muito pertinentes no pensar e fazer arquivísticos: o público, isto é, o usuário de arquivo, seja pessoa física ou jurídica, seja aquele que já conhece ou não conhece o arquivo ou que talvez ainda venha a conhecer; e o acesso, já que se compreende que para haver o planejamento e alguma ação de difusão significa que se está fomentando a viabilização do acesso àquilo que se está difundindo.

Barbosa e Silva (2012, p. 46) apresentam algumas das ações de difusão que podem ser realizadas pelos arquivos:

Fazem parte das ações de difusão a publicação de livros, periódicos e conteúdo de internet, os quais estão ligados ao acervo e à memória que ele preserva; a estruturação de exposições, a programação de palestras e cursos; a condução de visitas monitoradas na instituição; o atendimento a grupos de alunos; a preparação de materiais didáticos; o oferecimento de oficinas pedagógicas com documentos de arquivo, entre outras.

Conforme Bellotto (2006, p. 227), a difusão é vital, pois propicia que instituições arquivísticas sejam compreendidas melhor, uma vez que é o modo mais efetivo para “desenhar os seus contornos sociais, dando-lhes projeção na comunidade, trazendo-lhe a necessária dimensão popular e cultural que reforça e mantém o seu objetivo primeiro”, isto é, o acesso à informação. A autora destaca três modelos de difusão em arquivos: a difusão editorial, por meio de publicações de conteúdos que divulguem o acervo e a própria instituição, como catálogos informativos, manuais, edições comemorativas, livros técnicos; a difusão cultural, que se trata de projetos que promovam palestras, eventos, debates, divulgação na imprensa, filmes, documentários, entre outras atividades; e a difusão educativa, que é voltada para a inclusão de estudantes no arquivo, por meio da relação instituição arquivo e escolas, como, por exemplo, utilizando-se de exposições, reprodução de documentos, visitas guiadas, aulas no arquivo, atividades lúdicas, entre outras ações.

Rockembach (2015, p. 113) aponta que a difusão arquivística possui “[...] três vértices principais: os usuários, o conteúdo e a tecnologia”, consistindo em uma

busca de estratégias que visem a acessibilidade (facilitar o acesso, procurar vencer as barreiras tecnológicas e linguísticas), transparência (tornar público), atingir determinado público (através do marketing e demais ferramentas auxiliares), entender qual é o público (estudo de usuários e comportamento informacional), estudar as competências informacionais do público (literacia informacional / educação informacional, distinguindo-a da educação patrimonial), realizar a mediação (selecionar, filtrar, acrescentar qualidade informacional na recuperação de conteúdos), procurando uma maior proximidade dos usuários à informação contida nos acervos, por meio de vários canais de comunicação ou aqueles considerados mais adequados.

É neste contexto que a exposição ‘Empoderando a sociedade: os 60 anos do ensino de Arquivologia no Brasil’ amparou-se, não apenas pensando na difusão dos arquivos da Arquivologia brasileira, mas também do arquivista e da área arquivística e sua trajetória. Sendo assim, e compreendendo a execução da exposição como a realização de uma ação de difusão arquivística voltada a educar – no sentido amplo de socializar e dar a conhecer – um dado público sobre a trajetória do ensino de Arquivologia no Brasil, tema central da mesma, foi possível visualizar que consistiu em uma ferramenta e espaço singulares que foi e ainda é capaz de propiciar tanto o movimento de ideias como o (re)encontro entre sociedade, comunidade arquivística e os arquivos, representando e comunicando histórias, narrativas e conhecimentos.

4 A EXPOSIÇÃO VIRTUAL ‘EMPODERANDO A SOCIEDADE: OS 60 ANOS DO ENSINO DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL’

A exposição virtual ‘Empoderando a sociedade: os 60 anos do ensino de Arquivologia no Brasil’, como mencionado anteriormente, havia sido pensada para ser realizada de modo físico e itinerante, algo que não foi possível de ocorrer devido à pandemia de Covid-19. A ação passou a ser planejada como uma exposição virtual para a *Web*, tendo como período de desenvolvimento, execução e atualizações de conteúdo de março a dezembro de 2020, sendo sua data de lançamento oficial, como ação integrante da 4ª Semana Nacional de Arquivos, o dia 8 de junho de 2020.

Foi em meados do final de abril do dado ano, que se decidiu pelo desenvolvimento da exposição virtual. Como o cronograma anterior era bem mais

elástico, houve alteração do mesmo e dos prazos, tendo que se dividir a equipe em distintas frentes de trabalho e mudar algumas concepções iniciais.

Para a realização da exposição definiu-se um roteiro a ser seguido pela equipe, buscando-se cumprir as seguintes etapas:

1. Definição de: Por que fazer? O que fazer? Para quem fazer?;
2. Definição de equipe de trabalho;
3. Definição de datas para lançamento e atualização da exposição;
4. Definição do conceito, objetivos, fontes de pesquisa, acervos e narrativa para a exposição;
5. Inscrição da exposição na 4ª Semana Nacional de Arquivos;
6. Divisão de tarefas de acordo com a equipe de trabalho, pensar nas ações que serão realizadas e nos recursos disponíveis;
7. Pesquisa nas fontes e acervos a serem utilizados;
8. Criação de uma identidade visual para a divulgação da exposição;
9. Produção e execução de exposição virtual, utilizando-se dos recursos da *Web*;
10. Divulgação da exposição;
11. Manutenção e adaptações, se necessário;
12. Avaliação da exposição.

A execução das etapas iniciou em março de 2020, envolvendo integrantes do corpo docente e discente do departamento e do curso de Arquivologia da UFSM que desejaram participar da ação, sendo uma equipe composta por dois docentes e três discentes: Francisco Alcides Cougo Junior e Rafael Chaves Ferreira, professores coordenadores do projeto; e o acadêmico Marcos Machado Paulo juntamente com as acadêmicas Letícia de Freitas Gaiardo e Roberta Wagner. As etapas relativas ao planejamento e organização (1, 2, 3, 4 e 5) foram realizadas de forma colaborativa entre os membros da equipe, por meio de reuniões virtuais, inclusive consultando os gestores da Coordenação e do Departamento de Arquivologia da UFSM.

A divisão de tarefas e busca por conteúdo (etapas 6 e 7) foram definidas e realizadas de forma colaborativa e dialogada. Quanto à execução das mesmas, primeiramente buscou-se por informações nos periódicos e sítios eletrônicos da área, como a Revista Arquivo & Administração, publicada pela Associação dos Arquivistas

Brasileiros, e o boletim Mensário, do Arquivo Nacional, em que foram feitos ‘recortes’ de reportagens de diferentes épocas que tratassem sobre o ensino de Arquivologia e demais assuntos afins à ação. Outro modo, foi contatar pessoas e instituições da área, como arquivistas, professores, coordenações de cursos, diretórios e centros acadêmicos, solicitando depoimentos e fotografias sobre/destes 60 anos do ensino de Arquivologia no país. Os materiais angariados passaram por uma triagem para compor a exposição virtual, que foram utilizados para o seu lançamento.

Cabe destacar que quando se começou a levantar episódios, personagens e documentos que pudessem compor o conteúdo da exposição, percebeu-se que a Arquivologia brasileira é cheia de lacunas. Faltam informações básicas sobre acontecimentos importantes e há fatos que parecem nunca ter ocorrido, tamanha ausência de referências (fotos, vídeos, documentos, etc.). Não bastasse isso, o isolamento provocado pela pandemia proporcionou o fechamento de muitas instituições que poderiam subsidiar com registros importantes para o trabalho.

Por conta disso, decidiu-se mudar mais uma vez parte do plano inicial. Nesta nova versão, além de uma exposição virtual, resolveu-se tratar a mesma como um trabalho em aberto, uma obra colaborativa, que, espera-se, receber contribuições de todo o país por um bom tempo. A ideia é que as lacunas da Arquivologia possam ser preenchidas por quem esteve, presenciou ou viveu episódios que são narrados – ou que, por desconhecimento, sonegou-se – ao longo da exposição. Por isso, no sítio da exposição consta uma seção denominada ‘Sobre ausências e lacunas’.

Quanto à etapa 8, esta ficou sob responsabilidade do corpo docente da equipe, que criou uma identidade visual e a forma com que a exposição virtual seria apresentada ao público. Após a conclusão das primeiras versões, os materiais criados passaram pela avaliação de toda a equipe, prevendo sugestões e adaptações para melhorias.

Considerando a impossibilidade da execução de uma exposição presencial, redefiniu-se a etapa 9 para o modo virtual, como apresentado anteriormente, possibilitando a realização da ação. Para isso, primeiramente foi preciso realizar a escolha da hospedagem de seu sítio na *Web*, ocorrendo a partir da avaliação do investimento necessário e a facilidade de uso do sistema. Como não havia na equipe alguém com conhecimento amplo para criar um sítio, optou-se por uma plataforma que

permitisse utilizar os recursos do sistema *WordPress*. Há vários destes serviços na Internet, mas, na ocasião, os serviços ofertados pelo *HostGator* foi o que se avaliou como menor custo, maior confiabilidade, facilidade de pagamento e boas recomendações. Na escolha do domínio (caminho principal do sítio), chegou-se a opção *arquivologia60anos*, que, além de disponível, pareceu sintetizar bem a proposta da exposição – enfatizar a Arquivologia e marcar os 60 anos do ensino. Optou-se pela extensão *.org* devido ao fato do projeto não ter cunho comercial, pois trata-se de uma ação de extensão vinculada à uma universidade federal e o uso de terminações mais convencionais (como *.com* ou *.com.br*) poderia gerar dúvidas sobre o produto da proposta.

Para a concepção do sítio da exposição foi realizada pesquisa em algumas exposições virtuais já existentes. Chegou-se a exposição “Saio da vida para entrar na história: Getúlio Vargas e a propaganda política”, organizada em 2019, pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) ³. De todas as exposições virtuais visitadas, esta pareceu a mais intuitiva, factível e bem organizada. Neste sentido, realizou-se uma série de experimentos para saber se era possível levantar um sítio como aquele no tempo disponível. Sendo a possibilidade apreciada como positiva pela equipe, deu-se início a confecção dos espaços.

A ideia inicial era de que a exposição seria quase que inteiramente organizada em uma única página, dividida em faixas temáticas – com a opção de recursos externos ou *plugins* a serem aproveitados. Havia um grande desafio inicial que era produzir um conteúdo bonito, informativo, mas dinâmico. Para tanto, foi necessário focar na redução de elementos textuais e ampliação dos recursos informativos interativos, como mapas, linhas do tempo e fotografias. A partir desta ideia inicial, dividiu-se a equipe de pesquisa a partir das necessidades do sítio e das faixas planejadas.

A estrutura do sítio da exposição ficou dividida em 14 faixas. Escolheu-se um *template* (composição) que permitisse editar estas faixas separadamente e a maioria delas contou com recursos desta própria estrutura. As faixas de linha do tempo e do mapa que apresenta os cursos de Arquivologia, entretanto, usaram recursos externos. A linha – que inicia em 1838, com a criação do Archivo Publico do Império, e segue até

os dias atuais – foi produzida a partir do recurso *Timeline*, oferecido pelo laboratório Knightlab, da Universidade Northwestern, da Inglaterra. Já o mapa interativo – que apresenta a localização dos cursos de Arquivologia do país – foi produzido a partir do recurso *Livemap*, da *Wemap* (que foi utilizado pelo Conselho Internacional de Arquivos em seu portal).

Todos os demais desdobramentos da exposição foram produzidos a partir de opções oferecidas pela plataforma *WordPress* e pelo *template* escolhido (galeria de fotos, depoimentos, publicações, anais de eventos, vídeos, trajetórias de pessoas célebres da área, política estudantil, eventos de pesquisa, reportagens e outros materiais de divulgação, etc.). As faixas foram todas produzidas a partir de fontes padronizadas e com o emprego de um mesmo estilo. Os fundos de toda a exposição (*backgrounds*) utilizaram fotografias públicas ou com direitos autorais gentil e especificamente cedidos para a exposição, todas elas transformadas em preto e branco e ornadas com cores em gradiente, numa tendência contemporânea do design. Foi, como já mencionado, tudo bastante intuitivo, livremente inspirado na exposição da FGV, mas com resultados diferentes e bastante personalizados.

A montagem do sítio da exposição, que pode ser acessado pelo caminho arquivologia60anos.org, foi um momento bastante complexo e consumiu cerca de 30 horas em um espaço de 2 dias, muitas destas horas consumidas por incompatibilidades entre os recursos a serem adotados e as possibilidades da hospedagem. Foram necessárias muitas outras horas de consulta a tutoriais na Internet, além de um cuidado redobrado com a qualidade das informações e dos materiais disponibilizados. Ademais, outro desafio considerável foi o da seleção de materiais inseridos no sítio, pois em algum momento esta ação se tornou obrigatória. Além disso, como desafios óbvios houve aqueles enfrentados pela falta de especialização técnica em *web design*, já que para que seja apresentado um produto minimamente qualificado, é necessário que haja domínio sobre uma série de ferramentas e recursos que não são simples em seu uso.

A divulgação da exposição (etapa 10) ocorreu a partir do momento em que foi lançada, sendo principalmente durante a 4ª Semana Nacional de Arquivos, visando justamente aproximar os arquivos e a área arquivística da sociedade. Para isso, foram encaminhados, via e-mail, o endereço do sítio da exposição na *Web* e *cards* para serem

utilizados na divulgação da mesma em redes sociais aos indivíduos que colaboraram com materiais para a exposição, às coordenações e diretórios/centros acadêmicos dos cursos de Arquivologia, aos arquivistas, docentes e pesquisadores da área, bem como ao Fórum Nacional de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (FEPARQ). Além disso, cabe mencionar que a exposição também foi divulgada por meio da participação dos integrantes da equipe em eventos como 35º Jornada Acadêmica Integrada, realizada na UFSM; V Simpósio de Arquivos e Educação, realizado na Universidade Estadual de Campinas; VII Congresso de Extensão e Cultura, realizado na Universidade Federal de Pelotas; entre outros espaços. Desde então, seu sítio já alcançou mais de dez mil acessos.

Por ser uma exposição em meio virtual, sua manutenção e atualizações (etapa 11) ocorreram quando foi necessário. Porém, por se tratar de uma ação que permaneceu fortemente ativa até dezembro de 2020, no mês de outubro deste ano houve uma nova atualização de conteúdo e relançamento, devido ao recebimento de outros materiais, e especialmente devido à comemoração no dia 20 de outubro, por ser a data referente ao dia do arquivista no Brasil.

Quanto à avaliação da exposição (etapa 12), a mesma foi bastante positiva e ocorreu tanto por meio de mensagens recebidas no espaço ‘Fale conosco’ (no seu sítio), bem como pelos integrantes da equipe, em reuniões que aconteceram ao final do período de vigência da ação, isto é, em dezembro de 2020.

O resultado de todo o esforço para o desenvolvimento do projeto de extensão que resultou na exposição pode ser conferido ao longo do produto que foi apresentado e se encontra disponível para acesso na *Web* – vibrante e cheio de conteúdo, mas igualmente lacunar e ‘em processo’. O intuito é chamar a atenção da comunidade arquivística para um fato muito importante: é preciso contar a história da Arquivologia brasileira. Isso é o mínimo que se espera de um campo do conhecimento dedicado, em grande parte, ao passado dos outros. Mas é também uma tarefa fundamental para o futuro do ensino, da prática profissional e da identidade dos arquivistas brasileiros. A atração de novos e qualificados profissionais depende diretamente da imagem que a Arquivologia tem de si própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Arquivo Nacional do Brasil estimula a área a realizar exposições como forma de difusão dos acervos desde 1989, além de contar com um espaço na *Web* para suas exposições, hoje também virtuais. Isto, somado à possibilidade de participar da 4ª Semana Nacional de Arquivos, que ocorreu em 2020, de forma totalmente virtual, foram alguns dos motivadores para que a equipe responsável pelo desenvolvimento do projeto de extensão que teve como resultado a exposição ‘Empoderando a sociedade: os 60 anos do ensino de Arquivologia no Brasil’ tivesse para tornar a ideia da mesma em um produto e ação reais.

A exposição, por ter sido configurada e realizada como um espaço virtual na *Web*, viabilizou acesso, interação e contemplação mais rápida e dinâmica dos seus visitantes com o seu conteúdo. Além disso, também possibilitou haver um momento de celebração marcante pelas seis décadas do ensino de Arquivologia em terras brasileiras – desde a configuração do Curso Permanente de Arquivo, inaugurado em 1959 – uma data importante não apenas para professores e estudantes da área, mas para a comunidade arquivística em geral, pois se trata de uma data que significa o aniversário da própria Arquivologia brasileira.

Pela sua natureza extensionista, aliando-se ao ensino e à pesquisa, a realização da exposição também contribuiu de forma muito positiva no desenvolvimento dos discentes do Curso de Arquivologia da UFSM que integraram a equipe do projeto, proporcionando-lhes novos conhecimentos, habilidades e experiências que enriqueceram suas formações tanto profissionais, como pessoais, já que lhes foi demandado o contato e diálogo com docentes, arquivistas, público em geral, tanto da UFSM como de outras instituições.

Além disso, a exposição tornou-se um ambiente de reunião, coleta e publicação de informações e materiais que contribui com a preservação e a difusão dos arquivos não apenas da história do ensino de Arquivologia no Brasil, mas também da pesquisa e da própria extensão da área, bem como das ações políticas e sociais ligadas à sua trajetória, e isso de forma interativa e colaborativa, fomentando, assim, uma cultura de aproximação e interlocução da Arquivologia com a sociedade.

Ao longo dos últimos 60 anos, milhares de arquivistas graduaram-se, dezenas de edições de eventos foram organizadas, incontáveis páginas que teorizam o conhecimento arquivístico foram escritas, diversos personagens e protagonistas apaixonados pela Arquivologia surgiram e contribuíram com a área brilhantemente. A realização da exposição virtual ‘Empoderando a sociedade: os 60 anos do ensino de Arquivologia no Brasil’, que hoje consiste em uma obra colaborativa que almeja receber ainda mais contribuições de todo o país por um bom tempo, foi apenas uma singela homenagem a tudo isso, além de ser uma contribuição justamente para o empoderamento cidadão da sociedade brasileira por meio dos arquivos e da Arquivologia. Comemorar essa trajetória foi preciso e a reverenciar é um dever de todos que integram a comunidade arquivística. Por fim, cabe registrar um agradecimento a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta, com apoio, colaboração, materiais, conteúdo, divulgação, para que a exposição fosse concretizada.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BARBOSA, Andresa Cristina Oliver; SILVA, Haike Roselane Kleber da. Difusão em arquivos: definição, políticas e implementação de projetos no Arquivo Público do Estado de São Paulo. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 45-66, jan./jun., 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44894>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. A imagem do arquivista na sociedade e o ensino da arquivologia. **Arquivo & História**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 7-16, 1996.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOTTINO, Mariza. Panorama dos Cursos de Arquivologia no Brasil: Graduação e Pós-Graduação. **Arquivo & Administração**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, v. 15, n. 23, jan./dez., 1994, p. 12-18.

BRITTO, Maria Teresa Navarro de. O ensino universitário de arquivologia no Brasil. *In*: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (org.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1999, p. 53-86.

e-MEC (SISTEMA DE REGULAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR). Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

MARQUES, Angelica Alves da Cunha. Cursos de Arquivologia no Brasil: adaptações curriculares. *In*: VENÂNCIO, Renato; NASCIMENTO, Adalson (org.). **Universidades & Arquivos: gestão, ensino e pesquisa**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2012, p. 163-188.

MONTEIRO, Norma de Góes. Reflexões sobre o ensino arquivístico no Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.3, n. 2, p. 79-89, jul./dez., 1988. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/media/v.3,n.2,jun-dez,1988.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

PEREZ, Carlos Blaya. Difusão dos arquivos fotográficos. *In*: PERES, Rosanara Urbanetto (coord.). **Caderno de Arquivologia 2**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Arquivologia, 2005, p. 7-23.

ROCKEMBACH, Moisés. Difusão em arquivos: uma função arquivística, informacional e comunicacional. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 98-118, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article/view/95/55>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SOUZA, Katia Isabelli Melo de. **Arquivista, visibilidade profissional: formação, associativismo e mercado de trabalho**. Brasília: Starprint, 2011.

Notas

¹ Projeto de Extensão registrado sob o nº 053809. Contemplado com recursos do Fundo de Incentivo à Extensão (FIEEX) da Universidade Federal de Santa Maria (Edital 01/2020).

² Notas de repúdio da AARS e de retração do jornalista estão disponíveis em: <<https://www.aargs.com.br/nota-de-repudio/>>.

³ Exposição disponível em: <<https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/saio-da-vida-para-entrar-na-historia-getulio-vargas-e-propaganda-politica>>.